

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**AS MULHERES INDÍGENAS, A IDOLATRIA E ALTERAÇÃO DA ORDEM  
ANDINA NA NUEVA CORÓNICA Y BUEN GOBIERNO DE GUAMÁN POMA  
DE AYALA**

**MARINA HAGE GOMES**

Trabalho de Conclusão de Curso de  
Licenciatura em História. Orientador:  
Prof. Dr. Fernando Torres Londono

SÃO PAULO

Novembro/2021

## **SUMÁRIO**

- I. Apresentação
- II. Guamán: um indígena entre dois mundos
- III. Pelas mulheres a idolatria
- IV. Quebrando a ordem e colocando os Andes em Perigo: as mulheres indígenas e os espanhóis
- V. Conclusão
- VI. Bibliografia Utilizada

## I. Apresentação

Esta monografia de conclusão de curso foi desenvolvida com a ideia de se analisar e estudar a presença das mulheres dentro da Obra *Nueva Corónica y Buen Gobierno* de Guamán Poma de Ayala, ideia surgida após a pesquisa de Iniciação Científica que realizei junto do meu professor e orientador Fernando Torres Londono.

A época da colonização espanhola no continente americano foi um período conturbado que se iniciou a partir do século XVI até o século XIX com as independências dos países que estavam sob domínio da Espanha. Essa fase foi marcada por diversas trocas culturais entre os povos originários e os espanhóis. Na América do Sul, na região do atual Peru, o indígena peruano Felipe Guamán Poma de Ayala escrevia no início do século XVII a *Nueva Corónica y Buen Gobierno* setenta anos ou mais de ter iniciado a colonização espanhola no Peru no início do século XVII. A *Nueva Corónica* estava endereça ao rei Felipe III e deve ter sido colocada no fluxo da burocracia do Peru Colonial, até, sem nenhuma censura, chegou a corte onde foi guardada como uma “curiosidade indígena” que foi a parar a Copenhagen onde seria descoberta no século XIX e começado a ser parcialmente publicada até as edições dos anos 80 entre elas a aqui utilizada.<sup>1</sup>

A *Nueva Corónica* é marcada por uma presença ao mesmo tempo do mundo indígena autóctone que se mantem e do mundo espanhol que se impõe de forma política e cultural. Essa dupla presença estrutura a obra em duas partes: a primeira denominada *Nueva Corónica* mistura cosmologia cristã e inca no campo imagético mitológico, a segunda alcunhada de *Buen Gobierno* analisa as estruturas e personagens inseridos dentro da administração colonial espanhola.

Durante a obra, Guamán Poma se utiliza de textos e imagens para descrever e registrar esse universo em que ele está inserido. A partir das mais de mil páginas e dos 399 desenhos, o cronista relata aspectos dessa realidade desde seu particular ponto de vista. Rolena Adorno no seu clássico *Cronista e*

---

<sup>1</sup> A edição aqui trabalhada contém a obra toda em três volumes e é a segunda de uma primeira editada em 1980 produto de um trabalho crítico, de edição e de notas John Murra e Rolena Adorno. O original está em Copenhagen e pode ser acessado em <http://www5.kb.dk/permalink/2006/poma/info/es/frontpage.htm>

*Príncipe*, *Guaman Poma de Ayala* aponta para uma personagem em que confluíam não só dois mundos, mais dois entendimentos e formas de ver e se relacionar com o passado indígena e o presente colonial, que ele narrava como cronista e apresentava como príncipe e descendente dos incas. Percebemos isso em nossa Iniciação Científica em cima de um ponto particular. No decorrer do relato de Felipe Guamán Poma de Ayala é perceptível a incorporação da visão de mundo do Tawantinsuyu que desclassificava tudo o que estava fora, como é o caso dos povos das florestas nomeados com o nome de planta de cheiro ruim: *chunchos*. Ao mesmo tempo Guamán olha desde as tensões do mundo colonial que separa espanhóis de índios, sendo que na sua visão, os primeiros oprimem aos segundos, no “mau governo” que ele descreve nas suas violências e injustiças. Essa tensão foi ficando consciente na iniciação científica. Na pesquisa de quase dois anos, paralelamente dois temas chamaram a atenção, o primeiro a forma como Guamán colocava as mulheres e o segundo sua condenação explícita de práticas religiosas antigas e das cosmologias andinas, que ele seguindo a Igreja e aos missionários com os que convivia, chamava de idolatria. Abordamos esses dois temas nesta monografia.

## II. Guamán: um indígena entre dois mundos

Felipe Guamán Poma de Ayala, aquele indígena que se representava nos desenhos vestido à espanhola, dos pés a cabeça, mas que se colocava como representante ou porta voz dos “pobres índios”, levava os mundos espanhol e indígena dentro de si em tensão permanente. Sendo assim um indígena cristão, um vassalo do rei Felipe III e ao mesmo tempo apresentando-se como um descendente da realeza dos incas, que reivindicava para a nobreza nativa o exercício do governo do Peru. Rolena Adoro apresenta informações sobre nosso autor, dentre elas a sua língua era o quéchua, do que mostrava conhecimento e como tem sido apontado a cosmologia dos Andes fundamentada na dualidade e nos pontos cardeais (lado direto, lado esquerdo, acima-céu e abaixo-terra) regia seu pensamento, e como veremos aqui organizava seus desenhos. (Peace, 2017, p.136) Podendo escrever em quéchua mas decidiu escrever em espanhol, com evidentes limitações, inserido num pensamento cristão impregnado de escolástica aprendida dos jesuítas, com os que no papel de tradutor e escrivão passou mais de 20 anos na campanha de perseguição das antigas crenças e práticas religiosas andinas e que ficou conhecida como a Extirpação das Idolatrias. Ao reunir dois mundos, Guamán estaria inserido no que de forma prática tem sido chamado da mestiçagem formada entre os séculos XVI e XVII na América espanhola. (Gruziniki, 2001, p. 80).

Na *Nueva Corónica y Buen Gobierno*, finalizada por volta de 1615, ele afirma ter 80 anos, teria, pois, nascido nos tempos da invasão de Francisco Pizarro, Diego de Almagro e seus homens. Teria nascido na região de Huamanga, que hoje pertence ao atual Peru, no âmbito do embarracoso e energético contubérnio entre espanhóis e indígenas. Seu pai teria sido Martin Guamán Mallqui de Ayala, membro da elite local e sua mãe Juana Curi Ocllo, filha de Tupac Yupamqui de acordo com os próprios escritos do cronista. As informações que foram coletadas sobre Felipe Guamán Poma de Ayala são retiradas a partir de falas sobre ele mesmo em sua obra.

*El dicho libro compuesto e intitulado por don Felipe Guaman Poma de Ayala; la dicha crónica es muy útil y provechosa, y es buena para enmienda de vida para los cristianos e infieles, y para confesarse los*

*dichos indios, y enmienda de sus vidas y herronía idólatras.* (Ayala, 1988, vol. I, p.2)

*Primer crónica y buen gobierno de este reino, que es servicio de Dios y de Vuestra Santidad, lo reciba y pido y suplico me eche su bendición, la cual pedimos de este reino de las Indias del Perú su humilde vasallo Don Felipe de Ayala. Autor.* (Ayala, 1988, vol I, p.4).

*Felipe Guaman Poma de Ayala, Cápac, que es príncipe, y gobernador mayor de los indios, y demás caciques y principales y señor de ellos y administrador de toda islas dichas / comunidades y sapsi, y teniente general del corregidor de la dicha vuestra provincia de los Lucanas, reino del Perú, el cual habrá como veinte años poco o más o menos que ha escrito unas historias de nuestros antepasados abuelos.* (Ayala, 1988, vol I, p.4)

À vista disso, Felipe Guamán Poma de Ayala foi criado em um universo colonial que ainda tinha muitos elementos indígenas presentes no cotidiano das pessoas e com um cristianismo imposto pelos espanhóis que ao que com resistências se aderia, ou pelos menos simulava-se aderir. Um cenário colonial de transições, adaptações, convivências, traduções e resistências claras ou ocultas. Nesse cenário da nova crença cristã, vinda do outro lado do globo, confrontava as antigas crenças configuradas e mantidas em alguns casos por séculos. Estas crenças tinham como ponto de base a presença de ancestrais remotos que estariam presentes em *wuacas*, entidades encarnadas em montanhas, pedras, lagos com as que mulheres e homens conviviam numa relação de proteção ao cultivar a terra, criar lhamas e produzir tecidos. (Peace, 2017, p.140). Ao mesmo tempo os rituais celebrados para agradecer as *wuacas* ou propiciar sua proteção organizavam o tempo e o espaço, como Guamán narra ao se referir ao tempo dos incas. Na *Nueva Corónica* das duas crenças, uma foi legitimada e aceita, o cristianismo, e a outra, as das *wuacas*, foi desqualificada como idolatria. A idolatria que segundo Gruzinski desenharia um bosto campo de práticas em permanente transformação. (Gruzinski, 2003, p. 224). Ese cenário onde a tradição cristã lida por Guamán confronta-se com a idolatria, foi apresentada durante as 1172 páginas de *Nueva Corónica y Buen Gobierno*.

Tendo tudo isso supracitado em vista é perceptível o enorme desafio em cima da análise sobre a obra e a pessoa de Guamán Poma. Além do espanhol antigo, é preciso ter cuidado para analisar esse tenso cruzamento de universos, que não se reduziriam a uma simples mistura. Nesse sentido, que envolve a resposta à pergunta como ler e entender Guamán Poma de Ayala, a ativista boliviana Silvia Riveira Cusicanqui define essa junção de mundos como uma mancha, uma pintura, visto que foi algo forçado na questão do universo colonial, tanto que ela considera que a narrativa está presente até hoje nas práticas bolivianas.

*No hay “post” ni “pre” em uma visión de la historia que no es lineal ni teleológico, que se mueve em ciclos y espirales, que marca um rumbo sin dejar de retornar al mismo punto. El mundo indígena no concibe a la historia lenealmente, y el passadofuturo están contenidos em el presente: la regresión o la progresión, la repetició o la superación del passado están en juego em cada coyuntura y dependen de nuestros actos más que de nuestras palabras. (CUSICANQUI, 2010, p.54)*

Por conta dessa tensão entre mundos diferentes e em muitos aspectos opostos, e também essa vivência particular do “tempo em espiral” apontado por Rivera, é preciso ter em vista a complexidade do universo andino do período para ser possível analisar a obra de Guamán Poma. Uma figura extremamente difícil assim como sua obra, onde as imagens não são meramente desenhos, todos os elementos desenhados têm por sua essência algum significado por trás da narrativa. Os textos e as imagens se complementam, se unem para transcender em mundo atravessado por situações, que de forma geral podem ser nomeadas de sincréticas, compósitas, hibridas, dependendo do lugar de leitura adoptado na pesquisa.

Todos estes mundos que se cruzam, tornam-se mais complexo ao olhar para as mulheres indígenas vistas desde o ponto de vista de um homem, e de um homem como Guamán. Isto porque não vai ser das mulheres que vamos a tratar, assim de forma simples. Temos pesquisado este tempo sobre como um Homem do final do XVI, um indígena cristão tratou ou apresentou as mulheres de seu tempo. Quer dizer, lemos Guamán desde o lugar de poder em que sua condição de Homem e de cristão, que escrevia e pintava lhe conferia. Tem sido

considerando o lugar do autor como Homem que fala e escreve sobre as mulheres, que temos recorrido à categoria de gênero, para poder por sua vez ter um lugar como pesquisadora.

Seguindo uma corrente de autoras e autores consideramos que sexo se define biologicamente pôr um conjunto de características físicas e funcionais que distinguem o macho da fêmea. Já o gênero é entendido como uma construção social e cultural, um conjunto de agir e ações a partir da identificação do ser em determinado gênero.<sup>2</sup>

Considerado as mulheres indígenas na América do começo do século XVII, é necessário primeiro contextualizar a situação da mulher andina durante esse período analisado. E justamente nesse cenário colonial as mulheres foram muito afetadas, talvez mais ferozmente por terem defendido o antigo modo existencial. Antes da presença europeia as mulheres já continham uma posição de poder dentro das sociedades pré-colombianas:

Antes da Conquista, as mulheres americanas tinham suas próprias organizações, suas esferas de atividade eram reconhecidas socialmente e, embora não fossem iguais aos homens, 204 eram consideradas complementares a eles quanto à sua contribuição na família e na sociedade. (Federici, 2004, p. 400)

Tudo mudou com a chegada dos espanhóis, que trouxeram sua bagagem de crenças misóginas e reestruraram a economia e o poder político em favor dos homens. (Federici, 2004, p. 401)

A questão da perseguição de práticas consideradas hereges pela igreja católica espanhola que ocorria na Europa se transporta para a América. E assim como as mulheres especialistas em conhecimentos médicos eram “caçadas” no cenário da inquisição europeia, aqui na América Espanhola serão também, sendo a maioria mulheres curandeiras, advinhas, parteiras e idosas. Entretanto, diferentemente da Europa o isolamento das bruxas do resto da sociedade não ocorreu na localização andina, isso tudo pela resistência das

---

<sup>2</sup> Estou seguindo a definição de Sara Berbél, em seu texto “*Sobre género, sexo y mujeres*”

mulheres que conseguiram manter antigas crenças preservadas até os dias atuais.

### III. Pelas mulheres a idolatria

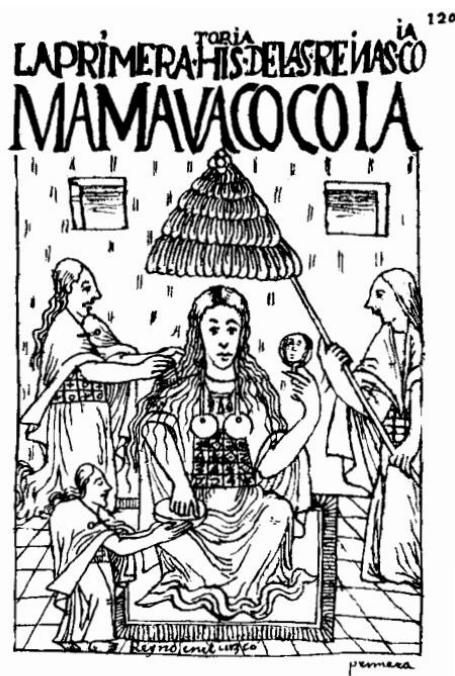
Ao passarmos a nossa visão do objeto dessa pesquisa, a enorme obra de Guamán Poma de Ayala, notamos que os universos feminino e masculinos são bem divididos e característicos aqui. O autor, desde o começo da obra já nos apresenta essa separação de universos, como é possível observar nessa imagem:



El primer mundo Adán, Eva / en el mundo.

20

Vemos uma representação de Adão e Eva na perceptiva de Guamán – a imagem é dividida simetricamente ao meio, sendo o lado esquerdo representado pelo masculino e o direito pelo lado feminino. Adão está com um galo perto dele, figura animal masculina, além dele ter um elemento muito importante do universo incaico que fora adicionado ali: o instrumento de cavar para a agricultura. Ademais é notório o fato de o lado feminino ter uma galinha próxima a Eva e junto ao colo dela crianças indicando o lado materno do papel feminino na visão dele.



La primera historia de las reinas Coya Mama Huaco Coya / reinó en el Cuzco.

Ao retornarmos ao assunto da mulher estar diretamente ligada a questões idolatrias é nos apresentado desde o início da história Incaica a Mama Uaco Coya. A figura dela é a primeira e mais forte associada a idolatria, foi descrita por Guamán Poma de Ayala como uma grande idolatra, com uma conotação negativa dizendo que ela utilizava disso para enganar seus companheiros indígenas, feiticeira e uma pessoa que falava com demônios e fazia cerimônias, sendo a primeira inventora das wucas!

Considero de suma relevância destacar a imagem da Mama Uaco, visto que para Guamán, o símbolo primário que traz essa origem da idolatria é uma mulher. Aqui, o autor, coloca a Mama Uaco como genitora dessas questões nas quais ele irá condenar, e que terá uma ligação com os conceitos de feitiçaria europeus por esse lado cristão de Ayala. Deslocando a Eva que teria trazido o pecado, para os Andes na figura de Mama Uaco, Guamán estaria colocando a agência feminina do demoníaco que se daria através da idolatria.

A idolatria, esta pois associada à intervenção e presença das mulheres. Que teriam os conhecimentos para poder se comunicar nesse mundo. Estas mulheres aparecem ofertando chicha, acompanhando sacrifícios de crianças as *wucas*, associadas a animais peçonhentos, símbolos do mal como a cobra, o do mundo subterrâneo e noturno da feitiçaria europeia, como os sapos e as corujas. Elas estariam diretamente em vínculo com o demônio que atuaria através delas. Este por sua vez, na versão recorrente de Guamán foi representado por uma figura animalesca com chifres, assas, garras, caudas e espinhos. Estas mulheres também atuariam como intérpretes da música que executavam com seu pequeno tambor (exclusivo das mulheres e presente em vários desenhos) entonando cantos e realizando danças onde comunicariam suas profecias nefastas. Visto isso, seria possível considerar a representação que Guamán fez da idolatria, a partir de essa referência do canto e dança feminina, como é notório na ilustração a seguir:



Nessa cena desenhada em dois planos é mostrado no lado direito um homem que possuído pelo demônio está vomitando (provavelmente em algum transe induzido por bebidas alcoólicas, coca ou ervas) devido ao fato de participar numa “bebedeira” como diz o título, realizada durante uma das cerimônias de musica, canto, e dança comandadas por uma mulher que estaria com seu tambor no lado direito. A feiticeira seria uma jovem

mulher, assinalada pelos cabelos soltos e os pés descalços e que numa mão levaria seu tambor e em outro a baqueta, com o qual produziria a música com a que se comunicaria com o demônio.



Seguindo agora para o desenho que está na página 302 original do Guamán:

Nesse desenho são perceptíveis o sofrimento e o terror passado pela mulher ao centro, que de acordo com a parte escrita é perceptível que está passando por um processo de castigo, ou seja, uma punição por consequências idolátricas de feitiçaria. Animais esses que são retratados com um determinado grau de inferioridade, visto que não são tão importantes para estarem sendo usados em celebrações e cerimônias incas e

estão sendo utilizados em punições como animais relacionados ao sofrimento e a morte para punir esses pecados idolátricos.

#### IV. Quebrando a ordem e colocando os Andes em Perigo: as mulheres indígenas e os espanhóis

As mulheres andinas eram tradicionalmente associadas a atividades de pastoreio das lhamas, estavam também inseridas na produção dos alimentos. Acompanhavam o plantio, cuidava da roça, faziam a colheita da batata e cozinhavam elas. Também atuavam em toda a cadeia de produção do tecido desde a formação do fio feito pelas adolescentes e as idosas, a produção de cores e o tinte dos fios e finalmente o trabalho no tear. Guamán descreveu todos estes trabalhos e desenho as mulheres participando em eles, como pode ser visto nos desenhos colocados e comentados a seguir.

215



Primera calle, Avacoc Uarmi [tejedora] / de edad de treinta y tres años / mujer de tributo.

217



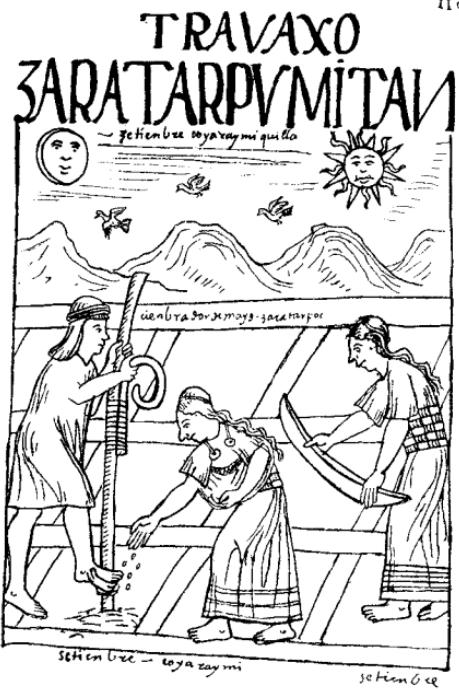
Segunda calle / Payacona [viejas] / de edad de cincuenta años / mujer que sirve al principal.

11099



Trabajo / zaraputuacavaímitan, febrero, paucaruarayquilla / espanta zorrillas de noche, tutacauan; / ojeador de noche, tua zara uacaychac / febrero, paucaruaray.

11056



Trabajo / zara tarpuy mitan [época de sembrar el maíz], setiembre, coya raymi quiilla / sembrador de maíz, zaratarpoc / setiembre, coya raimi.

Ao analisarmos as imagens 215 e 217 originais é possível observarmos uma mulher indígena trabalhando no tear, habilidade atribuída ao mundo feminino e é perceptível que ela tem esse domínio justamente por estar novamente desenhada ao centro da imagem. Ademais vemos na passagem a seguir sobre essa relação da mulher ao tear:

*La primera calle de las indias mujeres, casadas y viudas, que llaman auca camayocpa uarmin, las cuales son del oficio de tejer ropa delicada para cumbe, uasca, para el Inga y demás señores capac apoconas, y capitanes, para soldados, fueron de edad de treinta y tres años, se casaban, hasta entonces andaban vírgenes y doncellas estas dichas mujeres, asimismo los dichos hombres de la misma edad se casaban, hasta entonces les llamaban niñas, uamra tanque, purun auarmi.*

(Ayala, 1988, vol I, p.152)

Portanto, a partir das imagens e do texto supracitado é possível notar que a fiação, do cuidado das lhamas, a produção do fio e o trabalho de tear, eram atividades das mulheres.

Passando nosso olhar agora para os desenhos 11099 e 11056 originais é possível notar a figura feminina novamente presente ativamente nas

atividades, dessa vez na agricultura. Guamán descreveu as atividades por meses, como elas atuavam nas plantações e cuidados, como é possível notar na passagem a seguir:

*Trabajo zara carpai iacomicchoy rupay pacha [regar el maíz con agua, largarlo en pleno sol], noviembre ayamarca quilla / capac zipas comunidad capcita riega [la joven de la comunidad que riega], cochayaco [agua de pozo para regar] / noviembre, ayamarca ( Ayala, 1988, vol. 1, p. 1052).*

Essa atuação das mulheres, em inúmeras atividades econômicas, desde a infância até a velhice, perdia-se no tempo e era transmitida de geração e geração, de avôs para mães, de mães para filhas. Para Guamán, sem trabalho feminino não existia sociedade e sem mulheres que engravidavam e pariam, não existiriam súbditos, já fosse dos incas ou dos reis da Espanha.

Para Guamán a prática da colonização com a violência e soberba dos conquistadores, denunciada por ele em inúmeros parágrafos e desenhos do livro, subverteu um mundo ordeiro de funções e papéis, prescritos para as mulheres, alterando as relações entre homens e mulheres e assim se “extinguindo el reino”, expressão esta utilizada inúmeras vezes. Isto porque os espanhóis procuravam e engravidaram as mulheres indígenas e estas deram à luz mestiços, que para Guamán, estavam “destruindo o mundo”, surgindo assim uma nova classe, espúria e desqualificada de homens preguiçosos e mulheres licenciosas, que explorava aos “pobres índios”.

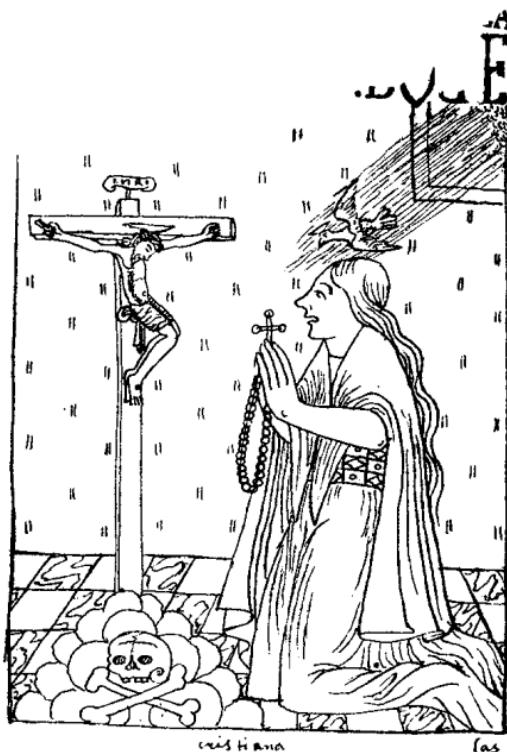
Para Guamán, a mestiçagem acaba com os indígenas, pois os mestiços exploram os indígenas. Isso porque o autor está em toda a obra com um olhar bem dualista, para ele ou há o bem ou há o mal e para ele nessa dualidade ele sente que o mundo vai acabar pelos mestiços, já que Guamán quer os indígenas de um lado e espanhóis de outro, e em um mundo com mestiçagem propicia a desordem.

E é justamente aqui que o mencionado conceito de gênero tem ajudado neste trabalho. Guamán coloca-se no texto num lugar de julgamento moral, por tanto de poder, que lhe permite olhar para a sociedade colonial, apontando os desmandos que a caracterizam e estabelecendo diferenças notórias de caráter e justiça entre encomenderos, corregedores, padres e os indígenas da antiga elite e os “pobres índios”. Nesse mesmo lugar ele julga as mulheres que

forçadas ou de bom grado “cederam” aos espanhóis e teriam a culpa pelo surgimento dos mestiços. Masculinamente ignora ou desconsidera a violência dos espanhóis com as mulheres, denunciando só os castigos que padres e frades submetem as tecelãs dos *obrajes* (oficinas). Também censura aquelas mulheres indígenas que aprenderam tanto o espanhol como a escrita, ganhando poder na frente dos seus antigos companheiros ou maridos indígenas. Solidariamente na sua condição masculina, faz das senhores indígenas vítimas e das mulheres cúmplices. É possível analisar esse “lugar de fala” e esse olhar de julgamento moral e de poder na seguinte passagem:

*Las dichas índias de estos reinos, devotas cristianas entran a los conventos de monjas, saben **ler escribir y música** y costureira, saben labrar, coser tanto como española, ladina, hacen puntas y lavandera, límpias, panaderas, cocineras, despenseras y demás oficios; todo lo que sabe las españolas lo saben, y trabajan mejor que los hombres, y sábios y cristianas, y si le enseñara cosa buena las dichas señoras fueran santas; pero enséñale cosa mala, y a media noche envía fuera por las calles y vem todo lo malo, y así salen putas aprobadas mejor que sus amas haraganas, mentiroosas, em este reino.* (Ayala, 1988, vol II, p. 767)

823



[borrado]. Cristiana.

*La policía y cristandade de los indios de este reino y si lo dejara los padres curas de las dotrinas y los dichos corregidores y encomenderos y españoles, hubiera santos o grandes letrados y cristianísimos, todo lo estorban los dichos con sus tratos lo que han aprendido es por fuerza en todo este reino cristiandad y policía. (Guamán Poma, 1615, p.218, original).*

Na imagem 823 original de Guamán é perceptível elementos importantes. O título foi apagado com o tempo, porém na legenda diz “Cristiana”. Isto é, uma indígena crista, além disso podemos perceber o cristianismo a partir da posição dela, ajoelhada rezando, em frente a uma cruz e portando o terço. Ademais é importante ressaltar o Espírito Santo sendo representado na ave que está vindo da janela, em específico, da luz da janela. Guamán condena as mulheres que se aproximam dos espanhóis, essas que aprendem os conhecimentos que os espanhóis trouxeram, como aprender ler, escrever e música acabam por compreender o conhecimento e domínio da língua. Para Guamán, incorporando o juiz/homem que julga, elas não podem

ser mais que putas, acudindo a uma palavra carregada de censura e desqualificação num mundo como o cristão. Na visão patriarcal e preconceituosa do autor, as mulheres deveriam ter ficado como antes, sem aprender, desprovidas da possibilidade de ler ou de interpretar um *quipus*, como na época dos incas ou um livro como em tempos coloniais. Somente o homem – como ele Guamán – teria o direito de conhecer o mundo de conhecimento letrado trazido pelos espanhóis e poder dissertar sobre ele. As mulheres que não mais se definem pelo trabalho, mas passam a ser vistas associadas a leitura ou a influência sobre os espanhóis, fica o lugar das putas, das que obtém lucro e poder utilizando seu corpo e sua sexualidade.



Corregimiento / Otro Corregidor le ha molestado a Don Cristóbal de León otra vez porque le respondió en favor de los indios / himauanuy pleítista / por Dios pasare este trabajo / provincias.



Corregimiento / El Corregidor y padre teniente anda rondando y mirando la vergüenza de las mujeres / provincias.

Os desenhos e os textos aqui colocados estão inseridos numa extensa parte que Guamán dedica a denunciar as violências, agravos e atropelos dos corregedores contra os índios, em particular contra aqueles caciques que defendiam aos índios e os interesses do rei. Guamán faz denúncia da forma

como os corregedores tratam aqueles caciques e senhores indígenas que estariam atuando em favor dos índios. Traz assim a narrativa sobre dom Cristóbal de Leon, do povoado de San Pedro de Queca, indígena de notável linhagem e discípulo de Guamán, que tinha negado dar indígenas de *mita* para diversas atividades e que teria defendido aos índios contra o corregedor e denunciado este ao vice-rei, sendo prendido no tronco por tais ações e ameaçado de ser desterrado as gales. (Guaman, vol II, p.460). A continuação o texto que engata a defesa de *don Cristobal* com esta outra série de denúncias que de novo envolve as mulheres.

*Las dichas justicias y corregidores y padres de las doctrina y tenientes de las ciudades y villas y provincias de este reino, con poco temor de Dios y de la justicia y de la ley cristiano, andan rondando y mirandos las vergüenzas de las mujeres cazadas y doncellas, y hombres principales. Y andan robando sus haciendas, y fornican a las casadas y a las doncellas las desvirgan, y así andan perdidas y se hacen putas, y paren muchos mesticillos, y no multiplican los indios. (Ayala, 1988, vol II, p.468).*

Um dos desenhos aqui apresentados que ilustram essa denúncia contra os corregedores merece um comentário. Trata-se do que se refere ao texto de Guamán que “corregidores, padres de las doctrina y tenientes de las ciudades y villas y provincias de este reino andan rondando y mirando las vergüenzas de las mujeres cazadas y doncellas”. Como vemos aqui, Guamán organiza o desenho em torno de três figuras de direita para esquerda, um homem jovem (um tenente) com uma vela numa mão (referência a que a ronda seria na noite que tudo o permite) e com a outra fazendo um sinal em direção a mulher, no centro em pé um espanhol paramentado como autoridade (grande chapéu, colarinho, capa) e uma vara símbolo de autoridade (corregedor como aparece escrito) e na direita uma mulher indígena deitada, de cabelos soltos, nua, que estaria mostrando sua vagina (a *vergüenza* , como fala Guamán) ao ser exposta pela retirada de um lençol que seria puxado pelo corregedor. Difícil encontrar para o período colonial uma imagem como está colocada numa

crônica. Mais que ilustrar o texto, Guamán coloca uma ação entre dois homens e uma mulher que não demonstra nenhum sinal de desconforto, dor ou violência (como as lágrimas que ele coloca nas meninas que os frades batem (Ayala, 1988, Vol II páginas 611 e 612) parecendo que não se estaria importando de estar sendo descoberta e ficar totalmente nua, talvez o contrário. Desta forma Guamán tira o que hoje chamaríamos de um ato de assédio (e sua violência) por parte de homens que querem ver a nudez das mulheres, e que ele coloca no texto, transformando-o no desenho, na colaboração ou disposição da mulher, não só em ser vista, mas também em concordância ou interesse com o que na sequência deve suceder. Guamán desse jeito estigmatiza a mulher ao colaborar com a “ronda” dos homens interessados em vê-la nua e a censura, no que seria des pudor e um ato de prostituição. Recorrendo as relações de gênero de novo, no desenho de um pintor-homem de um ato erótico que envolve homens e mulheres, são estas as que seduzem ou se expõem aos homens que mesmo deflagrando a ação, seriam apresentados como vítimas da luxúria desencadeada pelas mulheres.

De acordo com o texto e as imagens supracitadas é notório o olhar moralista do autor. Ele irá culpar a mulher indígena que se deita com espanhóis de colocarem o maior destruidor do mundo, na visão de Guamán, o mestiço. Uma visão dualista de mundo, onde os indígenas e os espanhóis não se uniriam as mulheres indígenas são “putas” por parirem mestiços no mundo, ignorando completamente toda a violência sofrida pela indígena por parte dos espanhóis. Ele não responsabiliza o homem por isso, ele põe em cima da figura feminina toda essa questão horripilante para ele.

Até mesmo porque ele vai sempre se utilizando de um julgamento moral em cima das ações delas, essa questão da “puta” que irá trazer ao mundo mestiços sendo formada por essa visão moralista de Ayala. Tanto que ele irá utilizar de figura de cama, que não era usada – nas regiões quentes se usavam redes e nas frias esteiras – ou seja, as camas eram imaginárias do que seria uma privacidade um leitor conjugal para Guamán, interessante também a que na imagem 503 original tem uma transgressão ao aparecer as partes genitais da mulher, que está despida, isso tudo para cair com um maior critério de moralidade em cima da figura feminina.

É deveras interessante a questão na qual Guamán repudia mulheres, principalmente as indígenas associadas a idolatria, já que sempre as xingam nos textos como “putas”. Todavia, ao mesmo tempo que ele critica elas, ele está indiretamente considerando elas como figuras de poder, já que não é qualquer pessoa que pode manusear um poder tão grande. Atributo grande, porém, condenado e demonizado por Guamán, ou seja, uma peculiaridade pejorativa.

#### IV. Conclusão

Após essa análise da presença das mulheres dentro da obra *Nueva Corónica y Buen Gobierno* com essa criticidade que nos permitem as análises de gênero, podemos afirmar uma visão patriarcal e moralista de Guamán em cima da figura feminina. O que é extremamente interessante e preconceituosa a maneira em que ele as considera poderosas por carregarem o atributo da idolatria, entretanto é algo ruim e maléfico na visão dualista de mundo dele.

Levantando novamente a questão dualista de mundo de Guamán – de um lado o mundo indígena e de outro o mundo espanhol – os mestiços estão corrompendo essa visão, e as culpadas são as mulheres indígenas que são tomadas aqui pelo panorama moralista. O mal, a questão que está destroçando o mundo, que está trazendo e propaganda o desespero para tudo e todos é a figura do mestiço e o símbolo feminino será completamente responsabilizado por colocar essa amargura e angústia.

A mulher que conquista essa independência, tomando conhecimentos espanhóis, está transgredindo o mundo antigo e é transformada em “puta” para Ayala. E é notório que esse preconceito só é colocado em cima das mulheres, já que o próprio autor tem os conhecimentos espanhóis e não se condensa por isso. Ele é digno disso. O homem é digno desses saberes, enquanto a mulher deveria ter ficado estagnada na mesma estrutura antiga de trabalho e saberes, assim não estariam acabando com o mundo dualista de Guamán Poma de Ayala.

## V. BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Rolena. *Cronista y Príncipe, la obra de Felipe Guamán Poma de Ayala*. – Lima, Pontificia Universidad Católica del Perú, 1989.
- AYALA, Guamán Poma de - *Nueva Corónica y Buen Gobierno*. México, Século XXI, 1988.
- BERBÉL, Saras. “Sobre género, sexo y mujeres”. *Mujeres en Red, el periódico Feminista*, 2004.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva* – São Paulo, Editora: Elefante, 2017.
- GRUZINSKI, Serge. *A colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol Séculos XVI-XVIII*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- MARTINS, F. P.; “Mundos cruzados: história, religião e mestiçagem no Peru colonial”. Guarulhos, Universidade Federal de São Paulo Escola de filosofia, Letras e Ciências Humanas, mestrado em História, 2017.
- PACE, Frank, *Los Incas*, Lima, Fondo Editorial PUC Peru, 2017.
- RIVERA Cusicanqui, Silvia. *Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.
- ROSTWOROWSKI, María. *Historia del Tahuantinsuyu*. Peru, Instituto de Estudios Peruanos, 1988.